



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7028 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

À SOMBRA DA MANGUEIRA: AS RELAÇÕES DE GÊNERO E OS IMPACTOS DO FECHAMENTO DE ESCOLAS NA VIDA DAS MULHERES-MÃES DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE GUANAMBI/BA

Vanessa Dias de Lima - UFRB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

Priscila Gomes Dornelles - UFRB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

À SOMBRA DA MANGUEIRA: AS RELAÇÕES DE GÊNERO E OS IMPACTOS DO FECHAMENTO DE ESCOLAS NA VIDA DAS MULHERES-MÃES DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE GUANAMBI/BA

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é o recorte de uma pesquisa de mestrado^[1] que problematizou os sentidos atribuídos pelas mulheres-mães sobre o processo de acompanhar suas/seus filhas/os até a escola na cidade e as relações de gênero^[2] no contexto do campo. Fruto dessa política de fechamento de escolas e da negação do direito a Escola no Campo, esta pesquisa visibiliza as sombras produzidas a partir das ausências do Estado, de modo contundente, na vida das mulheres-mães e seus/suas filhos/as que acessam a Educação Infantil.

O processo de fechamento de escolas no município de Guanambi/BA se deu com alternativa da nucleação, posto à comunidade com a justificativa de melhoria da qualidade do ensino, além da extinção de todas as escolas rurais do município em 2005. Esta ação ocorreu com o descumprimento da resolução nº 2, de 28 de abril de 2002 do CNE/CEB, a qual define que a nucleação das escolas só deve ocorrer com o consentimento da comunidade e intracampo, ou seja, considerando uma “comunidade núcleo” que receba as/os alunas/os das comunidades vizinhas. Desde então, para terem acesso à escolarização, crianças e jovens são obrigados/as a deixarem suas comunidades com deslocamentos em todos os dias letivos para os distritos ou a sede do referido município. Junto às suas crianças, as mulheres-mães que colaboram nesta pesquisa, cumprem uma tarefa (im)posta com a negação do prometido por parte da Secretária Municipal de Educação de Guanambi.

Quinze anos depois, as crianças são transportadas nos ônibus sem esse acompanhamento, além dos muitos problemas na sua efetiva segurança. Diante desses fatores essas mulheres-mães do campo assumem esse papel do Estado, tendo aqui mais um acréscimo à sua *tarefa de cuidar*, em geral, naturalizada no contexto do campo.

2 CARTOGRAFAR: CAMINHOS E PROCESSOS COM AS MULHERES-MÃES DO CAMPO

Pesquisar é movimentar-se e mover estruturas, é inquietude de buscar respostas, criar novas perguntas, é movimento que implica responsabilidades e, sem dúvidas, exige um posicionamento ético, político e teórico (LOURO, 2011). Os caminhos trilhados neste exercício foram constantes inquietudes em compreender os aspectos que emergem deste processo e elaboram novas indagações sobre os contextos que se fazem nesse cenário.

A narrativa presente neste trabalho é a de mulheres que são mães e expressam os moveres de sua rotina de cuidado, atravessada pela negação de políticas públicas que garantam o acesso e a permanência das crianças na educação básica. Assumo, então, uma posição que como qualquer outra é política, baseada na ideia de que “o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político” (PASSOS E BARROS, 2015, p. 151).

Dentro da abordagem qualitativa optamos pelo método cartográfico, essa metodologia que compreende o processo da pesquisa como um caminho repleto de singularidades em que o/a pesquisador/a é também, parte “em movimento” nesse processo. Cartografar essa realidade é assumir um lugar, como afirma Passos e Alvarez (2015, p. 131) “é sempre pelo compartilhamento de um território existencial que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e se codeterminam”. Compartilhamos territórios, somos mulheres, do campo, compartilhamos o território da negação de uma educação escolar institucionalizada e de qualidade no campo, o território da necessidade de se deslocar todos os dias como condicionante para o acesso à educação básica.

Essa maternidade vista como abdicativa somada a realidade de ausências por parte do Estado, produz este contexto e nos leva a dialogar e escutar as narrativas destas mulheres-mães que apresentamos a seguir^[1]. Não falamos por elas, mas com elas:

Tabela 1 - Apresentação das colaboradoras

Mulungu: *É uma mãe de uma... de uma.... Tem uma filha que é especial. Moro na zona rural, venho no ônibus escolar todos os dias trazer minha filha para a escola. Que minha filha tem traços da síndrome, então eu tenho que acompanhar ela com a maior dificuldade.*

Mulungu, tem 50 anos, mãe de uma menina de 10 anos a acompanha todos os dias há 6 anos.

Jurema: *Sou mãe, aí eu tenho uma criança que tem alergia a leite, ele passa na neuro, aí ele não quer vim sozinho que ele fica chorando, eu mando vim ele não vem, eu tenho uns problemas de ansiedade, problema no coração vários problemas. Aí eu fico ansiosa eu já venho 4 anos e eu não ‘tô’ ‘guentando’ vim mais, se botasse uma monitora no ônibus pra olhar eles era melhor pra mim ai eu já não vinha.*

Jurema tem 33 anos, é mãe de um menino de 7 anos que apresenta sinais de hiperatividade.

Aroeira: *Uma mãe que se preocupa muito com os filhos dela, grávida. E que preocupa muito, eu 'tô' até doente de tanto vim ne ônibus pra lá e pra cá trazendo essa menina.*

Aroeira tem 23 anos, mãe de uma menina de 5 anos de idade, no período da pesquisa, grávida de 6 meses. Acompanha a filha há quase 2 anos.

Palma: *Eu falo que eu sou muito sofredora, [...] 4 'fi' na escola 'pra' mim vim sair de minha casa todo dia trazer 4 'fi' na escola, não é fácil não. Ai se a pessoa me procurar eu falo a mesma palavra, que eu sou uma sofredora e preciso de ajuda.*

Palma tem 48 anos de idade, mãe de 4 filhos, duas estudam na escola pesquisada.

Angico: *É mulher, é uma mãe guerreira tem que 'tá' todos os dias acompanhando seu filho na escola, e é... é muito cansativo a correria do dia a dia, e... é isso ai. Ele tem neurofibromatose, ele faz acompanhamento em Salvador todo mês, duas vezes no mês. E ele tem o autismo, venho todo dia com ele.*

Angico não estava na escola nas primeiras visitas.

Mandacaru: *Tá no lugar de mãe, né? Porque eu cuido do meu netinho, meu 'fi', a mãe dele deixou ele ai eu cuido. E eu, 'né', já ando cansada, mas eu sigo firme, quê pra cuidar dele só confio se for eu. Então, a gente pelega e segue, né?! Lutando até quando Deus quiser...*

Mandacaru tem 66 anos, acompanha o neto de 6 anos, o qual ela detém a guarda. É a mais velha entre elas.

Facheiro: *É mãe de uma menina, tô grávida de outra, e ando cansada dessa vida, né? Todo dia essa correria de vim trazer ela aqui, porque tem que estudar, né, que é importante...*

Tem 28 anos, é casada acompanha a filha de 7 anos de idade há 2 anos.

Fonte: elaborado com dados da pesquisa - 06/11/2019

Ao se apresentarem assumem uma identidade comum: “Somos mães!”. O que nos leva a pensar sobre como, dentro do debate da Educação do Campo, as questões referentes à maternidade, especialmente a maternidade no campo, estão ainda suprimidas. Junto a isso, ao debater a oferta de Educação no Campo, essas que são sujeitos diretamente afetados por sua negação, são invisibilizadas ou pouco consideradas na produção acadêmica. Compreendendo que as questões de gênero atravessam essa relação, acionamos o trato sobre a maternidade e o cuidar como produtos de processos sócio-históricos, os quais, em geral, remetem a associação da imagem da mulher como cuidadora naturalizada, essencializada e como único destino digno^[1]. Portanto, a associação entre mulher e cuidado é efeito de uma trama discursiva que localiza o cuidado na especificidade de sua constituição biológica reprodutiva.

Nos debates de gênero, a maternidade é um dos temas centrais que engloba muitos outros debates^[2], está “enraizada material e simbolicamente variando segundo diferentes contextos históricos, sociais, econômicos e políticos” (MOREIRA, 2009, p. 14). Esta pesquisa é um convite, ao mesmo tempo em que é denúncia, a pensar as sombras que se expressam no cenário de lutas que acabam reduzindo algumas questões, dando a elas pouca ou nenhuma visibilidade. Há na sombra da mangueira sombras que a Educação do Campo faz ressoar, ser mulher, LGBTQIA+, negra, mãe é estar nessa penumbra que aqui, ousou convidar-lhes a olhar. Enxergar é tarefa que exige treino, costume, adaptação. Por isso, o convite a estar à sombra da mangueira é um chamamento a olharmos pra aquelas/es que por tanto tempo nem se quer foram citadas/os.

3. “É COMO UM TRABALHO”: A ROTINA DE TODO DIA DAS MULHERES-MÃES DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE GUANAMBI/BA

Essa fala de Jurema ao ouvir o comentário sobre a rotina cansativa, “*É como um trabalho, a segunda-feira é o dia mais difícil, mas a gente ‘costuma’ aquela rotina, acostuma ficar aqui todos os dias e as vezes nem vê o tempo passar, mas a segunda parece que o tempo não passa*” (Jurema em diário de campo 08/05/2019). Há uma rotina já bem marcada entre elas, naturalizada.

Há cansaço, há as horas que não passam e fazem a tarde parecer não ter fim. Há a amizade e partilha de risos, conversas, causos, o tempo encurtado, mesmo ainda parecendo longo. Há uma rede de resistência entre elas, um movimento que parece pequeno, mas que é revolucionário ao garantir que suas crianças acessem e permaneçam na escola.

Por vezes vão a rua, no mercado, em consultas médicas, ou passam a tarde conversando entre si e algumas funcionárias que se aproximam. Uma rotina cheia de contornos e sutilezas, marcadas também pelo cuidado: “Dona Mandacaru [...] logo que chega vai ao mercado comprar um caderno para ‘seu menino’” (Diário de Campo 06 de ago. 2019).

Esse movimento que se dá de forma silenciosa se manifesta poeticamente em sua entrada pelo portão, com seus filhos seguros pela mão, essa chegada acontece minutos antes do portão se abrir, quando ele se abre movimentação, vai e vem: As da cidade se vão, as da roça ficam. Sentadas em um espaço desconfortável em que o corpo precisa se equilibrar (Diário de campo, 06 de mar. 2020).

Imagem 2 - Espaço em que aguardam



Fonte: Acervo da pesquisa

Mas muito antes da chegada no espaço escolar, antes da espera pela abertura dos portões vem o percurso no ônibus, o balanço do corpo nas estradas não tão boas:

Aroeira: *Saio de casa meio-dia e 10 e chego umas 6 e 15, não acho que é mais umas 6 e 25 por aí.*

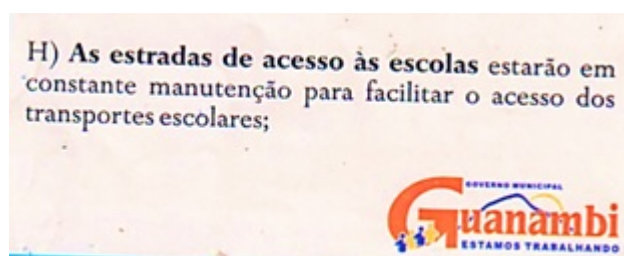
Angico: *[...] eu saio daqui cinco e meia chego lá 6 e 10. ‘Pra’ vim sai meio-dia e 15 [...] (Conversa 06/11/2019).*

O horário que chegam em casa varia conforme a distância percorrida e as condições, tanto das estradas quanto do transporte, Mulungu relata que “*vem pela pista aqui ó vai 6km aqui na pista e 6kms na estrada de chão*” (conversa 06/08/2019).

“*Não vou sair do campo pra poder ir pra escola, Educação do Campo é direito, não esmola*”^[11] a canção que parece um grito de guerra, distante da realidade, diferente do que ocorre nesse contexto em que não somente as crianças, mas suas mães, essas mulheres todos os dias saem do Campo “pra poder ir para a escola”. Uma educação ofertada, mas não garantida, condicionada ao esforço das mulheres-mães que resistem, todos os dias lutam por Educação do Campo.

É importante dizer que parte do trajeto na ‘estrada de chão’ sem manutenção, em geral em condições precárias (buracos, pedras, areia, alagamentos). Descumprindo com mais uma promessa do projeto de nucleação apresentado:

Imagem 3 - Cartilha “Rumo a uma educação modelo”



Fonte: (Guanambi, 2005)

Refletindo nos corpos, na saúde das crianças, Jurema relata que sua filha “*tem essa alergia ai, igual a medica falou: ‘alergia do ônibus’, o ônibus empoeirado e sujo*”.

No período das chuvas essa ausência do poder público reflete a ausência de condições necessárias para o trânsito nessas estradas vicinais, ocasionando um impacto na frequência, ficam sem o transporte inviabilizado pelas estradas alagadas, esburacadas. Elas relatam: “*Porque na região dela lá (Jurema) tem uma região que cria uma lagoa assim o ônibus atola, por isso que ela vem esperar cá encima, mas é só quando ‘tá’ chovendo*” (Mulungu, 05/03/2020).

Jurema percorre, neste período, cerca de 1km a pé para pegar o ônibus ainda sem a certeza de que ele irá passar. Realidade ‘comum’ à maioria das/os estudantes do campo, que nos períodos chuvoso enfrentam dois extremos, o de andarem distâncias a pé para aguardar o ônibus em um ponto acessível e assim precisarem sair mais cedo de suas casas ou mesmo de não terem acesso ao transporte e faltarem às aulas que seguem normalmente. Jurema relata:

O meu hoje saiu 11h, ‘tava’ chovendo. Quando ‘tá’ chovendo né, se não tivesse chovendo ele ia me buscar. Quando ‘tá’ chovendo eu ando um pouquinho [...] Só quando chove, falei ‘e se eu passar mal?’, ‘eu vou rompendo, alguém passa aí e te pega’. Conversa 05/03/2020.

O tempo gasto para chegar até a escola se torna maior, o tempo em casa menor. Isso, implica diretamente na rotina dos afazeres que *precisam* ficar prontos mais cedo, gera maior desgaste somado ao vai e vem, e ainda o percurso a pé. Por não haver uma adaptação do

calendário escolar às realidades brasileiras como expressa na LDB 9394/96, no artigo 28:

Na oferta da Educação Básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente [...]

II – Organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas[...] (BRASIL, 1996, s/p).

Na prática essa ainda é uma mudança distante, com as tentativas de padronizar o ensino parecem ainda mais distantes, e no caso das colaboradoras da pesquisa, em que a rotina que já é corrida nesse período fica ainda mais, visto que o tempo empenhado para o deslocamento aumenta.

As chuvas são recebidas, no Semiárido, com grande alegria “o sertanejo se anima com chuva, relâmpago e trovão é grande a sua alegria, pois é chuva do sertão”^[1], contudo, a falta de adequação dos calendários escolares impacta e traz um tom negativo para esse momento, condição que ressoa na vida de todas/os estudantes que saem do campo para acessar a escola na cidade.

Essa rotina reflete no cansaço de todos os dias e apesar de afirmarem que se acostumam, o cansaço se acumula e no final do ano, em meados de novembro os comentários já ecoam diferentes do que se ouvia no início, os corpos expressam o cansaço de mais um longo ano e as falas são no mesmo sentido:

Aroeira: [...] tanta preocupação. Queria que colocasse uma monitora ‘pra’ gente descansar, pra não ficar tão preocupada. (Aroeira havia passado mal por conta do cansaço físico e mental)

Mulungu: [...] tem hora que a gente não come direito pra poder dar conta das obrigações, pra dar na hora de vim pra escola já tá pronto ali pra vim pra escola [...] Conversa: 06/11/2019.

Há o esforço para garantir o acesso à educação, há a resistência, mas há também “Vontade de ir embora, vontade de ir andando...” (conversa 05/03/2020). No recreio as crianças são acompanhadas, vigiadas com cuidado para que não se embrenhem nos lugares que ofereçam riscos, o movimento do recreio é diferente para as crianças filhas das colaboradoras da pesquisa:

O filho de mais alta está sentado ao lado dela.... Está sob controle, sem riscos. Ele permanece perto com um colega ao lado, outro se aproxima e insistentemente o convida para brincar, diz que é com cuidado e só um pouquinho. Ele se achega a mãe que primeiro proíbe, mas depois de um tempinho autoriza a brincadeira, por perto. Eles brincam e vez ou outra se aproximam dela (Diário de Campo, março de 2020).

No momento do recreio a maioria delas fica na “meia parede”, algumas vezes se sentam no portão principal, raras vezes ficam na parte superior. Nesse momento as interações entre elas são muito voltadas para o comportamento das crianças.

O espaço debaixo da mangueira ainda é usado, porém com menor frequência, pois a calçada de lá está desgastada e o espaço em que ficam é mais próximo das salas de aula. Situações e cenas que são naturais e despercebidas aos olhos acostumados com o cansaço e com a rotina. Cenas ‘inusitadas’, movimentos de (sobre) vivências:

Antes do recreio acabar, elas barganham laranjas com duas alunas (as laranjas são parte da merenda, como não podem receber, buscam meios). Em troca da metade da laranja, uma moeda. Negócio fechado, uma moeda para as duas metades de laranja (Diário de campo, 2020).

O recreio acaba, o espaço vai se acalmando novamente e ficam as mulheres-mães, à sombra da mangueira, no pátio. Para elas ainda é preciso esperar mais um pouco, lutar contra o cansaço, conversar com as amigas que dividem a mesma angustia, até que chegue o momento de voltarem para casa, passar tempo no ônibus, chegar em casa cumprir ainda com algumas tarefas.

Ao final do ano a saída parece ser aguardada com maior ansiedade, ao serem liberadas as crianças, as mulheres-mães logo se espalham e tomando os/as filhos/as pela mão seguem rumo ao portão de saída. O movimento é rápido. Crianças tomadas pela mão, por perto. Mais um dia, menos uma espera.

Imagem 4- A saída da sombra da mangueira



Fonte: Acervo da pesquisa 06/11/2019

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo as construções sociais generificadas sobre o ser mulher e sobre a maternidade, vimos o quão naturalizado vem sendo os esforços empenhados por estas mulheres-mães e o quanto ainda lhes é cobrado por si mesmas.

A sombra dessa mangueira e a história dessas mulheres-mães nos leva a inúmeros questionamentos e provocações, ante ao nosso atual cenário sócio-político, dos decretos e políticas desumanas e violências do atual desgoverno, que torna ainda mais necessário erguer a voz em denúncia e reivindicação de direitos, de apontar para realidades como esta é tomar o lado daquelas/os, tantas/os, são “vidas ameaçadas”. Ameaçadas porque tendo seus direitos básicos suprimidos, sua voz silenciada/invisibilizada, suas necessidades ignoradas. Vidas ameaçadas, porque arrancadas de sua cultura, de seu chão sofrem não somente com a violência sob seus corpos cansados, mas também sobre sua formação como camponesas/es de seu lugar, do lugar da produção do alimento, da cultura e da vida (ARROYO, 2019).

PALAVRAS-CHAVE: Educação do/no Campo. Nucleação. Maternidade. Gênero.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzales. **Vidas ameaçadas:** exigências-respostas éticas da educação e da docência. Petrópolis, RJ : Vozes, 2019.

BRASIL. **Lei n. 9. 394/1996.** Estabelece Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Brasília, 1996.

_____. CNE/ CEB. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do campo.** Resolução CNE/ CEB N° 1, de 3 de Abril de 2002.

GUANAMBI. **Cartilha Informativa:** mudanças rumo a uma Educação Modelo. Secretaria Municipal da Educação, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MEYER, Dagmar Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. In: **Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília (DF)**, jan./fev. 2004, p.13-18. Disponível em: . Acesso em: 16 jul. 2019.

MOREIRA, Renata Leite Cândido de Aguiar. **Maternidades:** os repertórios interpretativos utilizados para descrevê-las. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Uberlândia, 2009. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp108581.pdf>> Acesso em: 24 ago. 2019.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia.** Porto Alegre: Sulina, 2015.

[1] (Ocione, 2010. Disponível em <<https://www.recantodasletras.com.br/cordel/2613080>>)

[1] (Santos, s/d)

[2] “Está claro que os corpos são afetados por processos sociais. O modo como nosso corpo cresce e funciona é influenciada pela distribuição de comida, costumes sociais, guerras, trabalho, esporte, urbanização, educação e medicina, para citar apenas as influências óbvias. Todas essas influências são estruturadas pelo gênero. Então não podemos pensar em arranjos sociais de gênero como mero efeito que flui de propriedades do corpo. Eles também precedem o corpo, formando condições e que este se desenvolve e vive” (PEARSE e CONNELL, 2015, p. 93).

[1] Tal pesquisa foi defendida no Programa de Mestrado profissional em Educação do Campo ofertado no Centro de formação de professores (CFP-UFRB).